

"Só o egoísmo do homem pode enterrar o da mulher como um tesouro. Revelaram-se vãos todos os esforços, que, intentados por cerimônias religiosas, juramentos e contratos duradouros, tentaram introjetar o amor na suprema inconstância da inconstante condição humana."

SACHER-MASOCH. **A vênus das peles.** São Paulo: Hedra, 2008. p. 42.

"Antes, se lembro bem, minha vida era um festim em que se abriam todos os corações, todos os vinhos corriam.

Uma noite, fiz a Beleza sentar no meu colo. E achei amarga. Injuriei.

Me preveni contra a justiça.

Fugi. Ó bruxas, ó miséria, ó ódio, a vós meu tesouro foi entregue!

Consegui fazer desaparecer no meu espírito toda a esperança humana. Para extirpar qualquer alegria dava o salto mudo do animal feroz.

RIMBAUD, Arthur. **Uma temporada no inferno.** Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008. p. 17.

"Se não poderei compartilhar a felicidade do amor de maneira plena, desejarei então usufruir de suas dores, de seus sofrimentos, até a última gota; e pela mulher que amo quererei ser maltratado, enganado - quanto maior a crueldade, melhor. Também isso não será um gozo?"

SACHER-MASOCH. **A vênus das peles.** São Paulo: Hedra, 2008. p. 53-54.

"O sangue não retorna! Se o espírito está próximo, por que Cristo não o ajuda, dando à minha alma nobreza e liberdade? Ai, o Evangelho caducou! O Evangelho! O Evangelho.

Aguardo Deus com gula. Sou de raça inferior por toda a eternidade."

RIMBAUD, Arthur. **Uma temporada no inferno.** Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008. p. 25-27.

"OBRA-PRIMA da filosofia seria a que nos esclarecesse sobre os meios de que a Providência se serve para atingir os fins que tem em vista relativamente ao homem e que, em seguida, estabelecesse normas de acção com as quais este pobre bípede aprendesse o modo como há-de seguir pelos espinhosos caminhos da vida, de modo a evitar os estranhos caprichos daquela fatalidade a que damos milhentos nomes mas que ainda não nos fomos capazes de conhecer ou definir."

SADE, Marquês de. **Justine:** ou os infortúnios da virtude. Lisboa: Antígona, 2001. p. 11.

"Nas estradas, por noite de inverno, sem morada, sem um abrigo, sem pão, uma voz comprimia meu coração gelado: 'Fraqueza ou força: está aí, é força. Não sabes nem onde vais nem por que vais, passas por tudo, respondes a tudo. Não te matarão mais, por já seres cadáver'. De manhã tinha o olhar tão perdido e o aspecto tão morto que os que encontrava teriam podido não me ver."

RIMBAUD, Arthur. **Uma temporada no inferno.** Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008. p. 29-31.

"A moral é que a mulher, tal como a natureza a criou e como o homem atualmente a educa, é sua inimiga, podendo tão-somente ser sua escrava ou sua déspota - jamais sua companheira. Isto, só quando ela tiver os mesmos direitos que ele, só quando por nascimento, pela formação e pelo trabalho, for igual a ele."

SACHER-MASOCH. **A vênus das peles.** São Paulo: Hedra, 2008.

"Tenho a impressão de que não há beleza sem espinho, como não há sensualidade sem tormento."

SACHER-MASOCH. **A vênus das peles.** São Paulo: Hedra, 2008.

"É cruel, não há dúvida, pintar toda a série de desgraças que afligem uma mulher boa e sensível, respeitadora da virtude, e, por outro lado, a torrente de prosperidade concedida aos que esmagam e atormentam a dita mulher. Mas se for bom o resultado da descrição de tais fatalidades, sentir-se-á algum remorso de a termos realizado? Que mal pode haver em se escrever uma coisa cujo resultado, para o sábio que a leia frutuosamente, seja a utilíssima lição da submissão ao poder da Providência ou a fatal advertência de que, o mais das vezes, é para nos ensinar o caminho do dever, que o Céu atinge, mesmo ao nosso lado, a criatura que sabemos ter cumprido melhor o seu dever?"

SADE, Marquês de. **Justine:** ou os infortúnios da virtude. Lisboa: Antígona, 2001. p. 12.

"Que se evite, pois, com o maior cuidado, misturar alguma fábula religiosa a esta educação nacional. Não percamos jamais de vista que são homens livres que desejamos formar e não vis adoradores de um deus. Que um filósofo simples instrua os novos alunos nas sublimidades incompreensíveis da natureza; que ele lhes prove que o conhecimento de um deus, frequentemente muito perigoso aos homens, jamais serviu a sua felicidade, e que eles não serão mais felizes admitindo como causa do que não compreendem algo que compreendem menos ainda;"

SADE, Marquês de. **A filosofia na Alcova:** ou preceptores imorais. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2003. p. 133.

"É aí que o homem gosta de comandar, ser obedecido, rodeado de escravos obrigados a satisfazê-lo. Ora, todas as vezes que não derdes ao homem o meio secreto de exalar a dose de despotismo que a natureza pôs no fundo de seu coração, ele correrá para exercê-la sobre os objetos que o cercam, ele perturbará o governo."

SADE, Marquês de. **A filosofia na Alcova:** ou preceptores imorais. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2003. p. 147.

"Ah, quebrai-os! A natureza o quer; não tenhais outros freios senão os de vossas inclinações, outras leis senão os vossos desejos, outra moral que não seja a da natureza."

SADE, Marquês de. **A filosofia na Alcova:** ou preceptores imorais. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2003. p. 153.

"É um absurdo ter colocado sua honra e sua virtude na força antinatural de sua resistência às inclinações que receberam em muito maior profusão que nós. Esta injustiça de nossos costumes é tanto mais gritante que consentimos de uma só vez enfraquecer as mulheres à força de sedução, para em seguida puni-las por terem cedido a todos os esforços que fazemos para provocar sua queda."

SADE, Marquês de. **A filosofia na Alcova:** ou preceptores imorais. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2003. p. 151.

"A devoção é uma verdadeira doença da alma; por mais que se faça, ninguém se corrige dela. Com mais facilidade para se impregnar na alma dos infelizes, porque os consola, porque lhes oferece quimeras para consolá-los de seus males, ela se torna bem mais difícil ainda de extirpar dessas almas do que de outras."

SADE, Marquês de. **Os 120 dias de Sodoma:** ou a escola da libertinagem. São Paulo: Iluminuras, 2008. p. 239.

"Se a eternidade dos seres é impossível à natureza, sua destruição torna-se portanto uma de suas leis."

SADE, Marquês de. **A filosofia na Alcova:** ou preceptores imorais. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2003. p. 161.

"Há um provérbio (e os provérbios são uma excelente coisa), há um, disse, que afirma que o apetite nasce à mesa. Por mais tosco que seja, esse provérbio tem, entretanto, um sentido muito extenso: quer dizer que de tanto fazer horrores nasce o desejo de fazer novos e que quanto mais horrores se fazem, mais se deseja fazer."

SADE, Marquês de. **Os 120 dias de Sodoma:** ou a escola da libertinagem. São Paulo: Iluminuras, 2008. p. 274.

"A busca da fecalidade

Onde cheira a merda
cheira a ser.
O homem podia muito bem não
cagar,
não abrir a bolsa anal
mas preferiu cagar
assim como preferiu viver
em vez de aceitar viver
morto.

Pois para não fazer cocô
teria que consentir em
não ser,
mas ele não foi capaz de se
decidir a perder o ser,
ou seja, a morrer vivo.

Existe no ser
algo particularmente tentador
para o homem
algo que vem a ser justamente

O COCÔ
(aqui rugido)

Para existir basta abandonar-
se ao ser
mas para viver
é preciso ser alguém
e para ser alguém
é preciso ter um OSSO,
é preciso não ter medo de
mostrar o osso
e arriscar-se a perder a
carne.[...]"

ARTAUD, Antonin. **Escritos de
Antonin Artaud**. 3. ed. Porto
Alegre: L&PM, 1986. p. 151

"Bem mais abaixo desses
figurões, os comerciantes
instalados pareciam roubar e
prosperar mais facilmente do
que na Europa. Nem mais um
coco, nem mais um amendoim em
todo território que
escapassem de suas rapinas.
Os funcionários compreendiam,
à medida que ficavam mais
cansados e mais doentes, que
as pessoas tinham de fato
zombado deles quando os
mandaram ir pra lá, para só
lhes dar em resumo uns galões
e uns formulários para
preencher e quase nenhum
dinheiro junto. Por isso
viviam de olho grande nos
comerciantes. O elemento
militar, ainda mais boçal do
que os dois outros, se
alimentava de glória colonial
e para digeri-la muito
quinino junto e quilômetros
de Regulamentos.

CÉLINE, Louis-Ferdinand.
Viagem ao fim da noite. São
Paulo: Companhia das
Letras, 2009.p.137.

"Todo verdadeiro sentimento é intraduzível na realidade. Expressá-lo é traí-lo. Mas traduzi-lo é dissimulá-lo. A verdadeira expressão oculta o que está manifestando. Ela contrapõe o espírito ao vazio real da natureza, criando como reação uma espécie de cheio no pensamento. Ou, se preferirem, com relação à manifestação-ilusão da natureza, ela cria um vazio no pensamento. Todo sentimento poderoso nos provoca uma ideia de vazio. E a linguagem clara que impede o vazio, também impede a aparição da poesia no pensamento."

ARTAUD, Antonin. **Escritos de Antonin Artaud**. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 1986. p.59.

"Oração

Glória e louvor a ti, Satã,
nas amplidões
Do céu, em que reinaste, e
nas escuridões
Do inferno, em que, vencido,
sonhas com prudência!
Deixa que eu, junto a ti sob
a Árvore da Ciência,
Repouse, na hora em que,
sobre a frente, hás de ver
Seus ramos como um Templo
novo se estender!"

BAUDELAIRE, Charles. **Les fleurs du mal/** Charles Baudelaire. Paris: Librio, 1994. p. 117. p.118.

"Há uma fissura em minha visão, em meu corpo, em meus desejos, uma fissura perene, e a loucura sempre me jogará para dentro e para fora, para dentro e para fora. Os livros estão submersos, as páginas, amassadas; a cama geme; as perfeições piramidais são incineradas quando o sangue jorra."

NIN, Anais. **Incesto: de Um diário amoroso : o diário completo de Anais Nin, 1932-1934**. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2008. p.30

"Há uma fissura em minha visão, em meu corpo, em meus desejos, uma fissura perene, e a loucura sempre me jogará para dentro e para fora, para dentro e para fora. Os livros estão submersos, as páginas, amassadas; a cama geme; as perfeições piramidais são incineradas quando o sangue jorra."

NIN, Anais. **Incesto: de Um diário amoroso : o diário completo de Anais Nin, 1932-1934**. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2008. p.30

"As Litanias de Satã

Ó tu, o Anjo mais belo e
também o mais culto,
Deus que a sorte traiu e
privou do seu culto,
Tem piedade, ó Satã, desta
longa miséria!

Ó Príncipe do exílio a quem
alguém fez mal,
E que, vencido, sempre te
ergues mais brutal,

Tem piedade, ó Satã, desta
longa miséria!

Tu que vês tudo, ó rei das
coisas subterrâneas,
Charlatão familiar das
humanas insânias,

Tem piedade, ó Satã, desta
longa miséria!

Tu que, mesmo ao leproso, ao
paria infame, ao réu
Ensinas pelo amor às delícias
do Céu,

Tem piedade, ó Satã, desta
longa miséria! [...]"

BAUDELAIRE, Charles. **Les
fleures du mal/** Charles
Baudelaire. Paris: Librio,
1994. p. 116.

"[...]Tu que da morte, tua
velha e forte amante,
Engendraste a Esperança, - a
louca fascinante!

Tem piedade, ó Satã, desta
longa miséria!

Tu que dás ao proscrito esse
alto e calmo olhar
Que faz ao pé da forca o povo
desvairar,

Tem piedade, ó Satã, desta
longa miséria!

Tu que sabes onde é que em
terras invejosas
O Deus ciumento esconde as
pedras preciosas.

Tem piedade, ó Satã, desta
longa miséria!

Tu cuja larga mão oculta os
precipícios,
Ao sonâmbulo a errar na orla
dos edifícios,

Tem piedade, ó Satã, desta
longa miséria!

Tu que, magicamente, abrandas
como mel
Os velhos ossos do ébrio
moído num tropel,

Tem piedade, ó Satã, desta
longa miséria! [...]"

BAUDELAIRE, Charles. **Les
fleures du mal/** Charles
Baudelaire. Paris: Librio,
1994. p. 117.

"[...]Tu, que ao homem que é fraco e sofre deste o alvitre De poder misturar ao enxofre o salitre,

Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria!

Tu que pões tua marca, ó cúmplice sutil, Sobre a frente do Creso implacável e vil,

Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria!

Tu que, abrindo a alma e o olhar das raparigas a ambos Dás o culto da chaga e o amor pelos molambos,

Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria!

Do exilado bordão, lanterna do inventor, Confessor do enforcado e do conspirador,

Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria!

Pai adotivo que és dos que, furioso, o Mestre O deus Padre, expulsou do paraíso terrestre

Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria !"

BAUDELAIRE, Charles. **Les fleurs du mal**/ Charles Baudelaire. Paris: Librio, 1994. p. 117. p. 117-118.

"11 de abril de 1933

Um demônio. Um demônio dentro de mim.

Allendy se recusa a morrer. Seu ciúme o incita à fúria e ao arrebatamento. Ele censura meu coquetismo; [...] Ele me censura por eu estar brincando com ele. Por tê-lo abandonado quando ele se tornou meu escravo. E então começa a me morder, a me acariciar como um louco. sou pega totalmente de surpresa. Estamos deitados no chão. E ele está nervoso, nervoso, apavorado. Eu sou delicada e compreensiva, faço-o dar risadas, sentir-se à vontade. Eu estou tão à vontade! Dou muitas risadas. De minha parte não há sentimentos. Ele está totalmente errado a meu respeito. Cada palavra que ele diz é um equívoco. Tanto melhor. Prazer. Sem compreensão. Raiva. Ciúme. Colisão. Tudo despido de poesia. Apenas um homem grande e belo levado a paixão. Meu coquetismo, nada mais. Tudo em miniatura. Me sinto cínica e percebo que estou encarando a realidade, que Allendy desfez a ilusão de todas as coisas. Para ele, eu sou a mais encantadora e atraente das mulheres, *petite fille littéraire* (garotinha literata). Estou explorando, brincando com um novo mundo. Frieza. Não estou me entregando. Estou despojando a sexualidade de sua importância exagerada. Meu íntimo permanece intacto.

NIN, Anais. **Incesto**: de Um diário amoroso : o diário completo de Anais Nin, 1932-1934. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2008. p. 129.

"O esforço que faço para traçar o contorno, cinzelar, demarcar, separar, simplificar, é ridículo. Devo *fluir multilateralmente*. Ao menos aprendi uma grande lição: a pensar, mas a não pensar demais - para eu poder me deixar levar e, quando as coisas acontecerem, não levantar uma barricada intelectual contra elas, interferindo no movimento da vida com preparações excessivas. Penso apenas o suficiente para manter vivo um estrato superior de consciência, enquanto escovo o cabelo, toco meu rosto, pinto as unhas e escrevo meu diário - nada mais. O resto do tempo eu passo trabalhando, copiando, trabalhando. E me deixo levar pelo ímpeto."

NIN, Anais. **Incesto**: de Um diário amoroso : o diário completo de Anais Nin, 1932-1934. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2008. p. 30.

"Certos soldados bem-dotados, pelo que eu ouvira contar, sentiam quando se metiam nos combates uma espécie de embriaguez e até uma profunda volúpia. Bastava-me quanto a mim tentar imaginar uma volúpia dessa ordem tão especial para adoecer durante pelo menos oito dias. Eu me sentia tão incapaz de matar alguém que realmente era preferível desistir e encerrar logo esse assunto. Não que me tenha faltado experiência, tinham até feito tudo para que eu tomasse gosto, mas me faltava o dom. talvez eu precisasse de uma iniciação mais lenta."

CÉLINE, Louis-Ferdinand. **Viagem ao fim da noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.p. 101.

"Alguns de meus amigos mais sinceros, brutalmente sinceros como eram não raro, lembravam-me ocasionalmente que, ao falar com eles, eu era sempre eu mesmo, mas ao escrever, não. 'Por que não escreve como fala?', perguntariam. À primeira vista a ideia feriu-me como absurda. Em primeiro lugar eu nunca me considerei um conversador notável, embora insistissem em que o era. Em segundo lugar, a palavra escrita parecia-me muito mais eloquente do que a palavra falada. Quando se fala não se tem tempo de polir uma frase, de procurar a palavra exata, nem se pode retroceder e riscar uma frase, um parágrafo inteiro. Parecia um insulto eles me dizerem, a mim que lutava pela maestria da palavra, que eu tinha mais êxito sem pensar do que pensando."

MILLER, Henry. **Plexus**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, [198-]. p. 46.

Que importa se conseguiu pôr mil universos dentro do foco de seu telescópio microscópio? O processo de ampliação só faz ressaltar o senso de miniatura. Mas o homem se sente mais à vontade em seu pequeno universo, ou pretende sentir-se, quando descobre o que jaz por trás de suas fronteiras. O pensamento de que o seu universo talvez não seja maior do que um pequenino corpúsculo sanguíneo arrebatado, acalma-lhe a angústia desesperada. Mas o uso de um olho artificial, não importa a que monstruosas proporções ele venha a ser ampliado, nunca lhe traz alegria. Quanto maior sua visão física, mas aterrorizado ele fica. Compreende, embora se recusa a crer, que com este olho jamais penetrará e ainda menos participará do mistério da criação. A fim de reentrar no mundo misterioso do qual saiu, ele conclui, de uma forma vaga e obscura, que outros olhos são necessários."

MILLER, Henry. **Plexus**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, [198-]. p.250.

"Durante um dia inteiro, silencioso, sombrio e monótono, na estação outonal do ano, quando nuvens pendem opressivas e baixas dos céus, eu tinha estado passeando a cavalo, através de uma parte singularmente árida da região; e finalmente encontrei-me, quando as sombras do crepúsculo já se avizinhavam, à vista da melancólica Casa de Usher. Não sei como descrever, porém, desde que pela primeira vez contemplei o edifício, uma sensação de tristeza insuportável permeou meu espírito. Digo que era insuportável permeou meu espírito. Digo que era insuportável, porque o sentimento não era aliviado por qualquer dessas impressões meio agradáveis, porque estão cheias de poesia, com as quais a mente recebe até mesmo as imagens naturais mais lúgubres, desoladas e terríveis."

POE, Edgar Allan. **A carta roubada e outras histórias de crime & mistério**. 1. ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2003.p. 87.

"[...] você já percebeu quais tabuletas de rua, colcadas diante das lojas, são as que mais atraem a atenção?"

- Nunca pensei muito a respeito - respondi.

- Existe um jogo de adivinhação - prosseguiu ele - que é realizado com um mapa. Um dos participantes solicita ao outro que encontre uma determinada palavra - o nome de uma cidade, de um rio, estado ou império -, qualquer palavra, em resumo, que esteja inscrita sobre a variegada e confusa superfície de uma carta geográfica. Um Novato neste jogo tenta, em geral, embaraçar o adversário, solicitando-lhe que encontre os nomes escritos com as letras menores; mas o jogador experimentado seleciona as palavras que se estendem, em grandes caracteres, de uma ponta do mapa até a outra. Estas palavras, como as tabuletas e cartazes com letras grandes demais, escapam à observação justamente porque são excessivamente óbvias. E aqui, o descuido físico é precisamente análogo ao falso conceito moral segundo o qual o intelecto se sujeita a não perceber aquelas considerações que são visíveis demais e palpavelmente evidentes em si mesmas."

POE, Edgar Allan. **A carta roubada e outras histórias de crime & mistério**. 1. ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2003.p.30.

"Devorava primeiro a cabeça, depois as pernas os braços, e por último o tronco, até que nada mais sobrasse; pois lhe partia os ossos! E assim por diante, por todas as outras horas de sua eternidade. Algumas vezes exclamava: 'Eu vos criei; portanto, tenho o direito de fazer convosco o que bem entender. Nada me fizestes, e não posso afirmar o contrário. Eu vos faço sofrer, e é para meu prazer'. E retomava sua refeição cruel, remexendo o maxilar inferior, o que, por sua vez, fazia mexer-se sua barba empapada de miolos. Leitor, esse último detalhe não faz vir água à tua boca?"

LAUTRÉAMONT. **Cantos de Maldoror.** São Paulo: Max Limonad, 1986.p. 95.

"[...] 'Os faróis do litoral o perseguirão até os limites do setentrião com seus reflexos sarcásticos, e os fogos fátuos das maresias, simples vapores em combustão em suas danças fantásticas, arrepiarão os pelos dos seus poros e deixarão verde a íris dos seus olhos. Que o pudor se abrigue em vossas cabanas e esteja em segurança à sombra de vossos campos. Só assim vossos filhos se tornarão belos e se inclinarão agradecidos diante dos pais; senão, macilentos e mirrados como o pergaminho das bibliotecas, avançarão a largos passos, conduzidos pela revolta, contra o dia do seu nascimento e o clitóris da sua mãe impura'. Como quererão os homens obedecer a essas leis severas se o próprio criador se recusa a atar-se a elas?..."

LAUTRÉAMONT. **Cantos de Maldoror.** São Paulo: Max Limonad, 1986.p.163.

"Doente na alma, tentei encarar a provação de buscar perdão. Mas de quem? De que Deus, de que Cristo? Eram mitos em que eu certa vez acreditara e agora eram crenças que eu considerava mitos. Este é o mar, e este é Arturo, e o mar é real e Arturo o considera real. Então me afasto do mar e, por toda parte onde olho, vejo terra; sigo caminhando e a terra vai se estendendo até o horizonte. Um ano, cinco anos, dez anos e não vi o mar. Digo a mim mesmo, mas o que aconteceu ao mar? E respondo: o mar está ali de volta, de volta no reservatório da memória. O mar é um mito. Nunca houve um mar. Mas havia um mar! Eu lhes digo que nasci à beiramar! Banhei-me nas águas do mar!"

FANTE, John. **Pergunte ao pó**. 7.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, [2007].p. 120.

"Nasci no rio de Janeiro por acaso, numa das viagens de meus pais, a 16 de julho, e sou do signo de Câncer. Mas não acredito um pingão em astrologia, embora leia horóscopo todos os dias, por hábito. Mas é bom não esquecer que numa dessas idas dos astronautas à Lua, a mulher de um deles leu no mesmo dia num horóscopo de jornal: 'hoje o seu marido não deve sair de casa'."

ANTONIO, João; ANTONIO, João. **Malagueta, perus e bacanaço**; incluindo, **Malhação do Judas carioca**. São Paulo: Clube do Livro, 1987.

"A tempestade abençoou minhas alvas marítimas.
Mais leve que uma rolha eu dancei sobre as ondas
Que dizem trabalhadoras eternas de vítimas,
Dez noites sem lamentar o olho tonto das lucernas!"

RIMBAUD, Arthur. **La bateu ivre** = o barco ébrio. Florianópolis: Ed. da UFSC, Bernúncia, 2006.p. 21.

"Vi fermentar enormes pântanos, nassas,
Onde apodreceu nos juncais todo um Leviatã!
Tombamentos de águas em meio a bonanças
E indo nos abismos cataratantes as distâncias!"

RIMBAUD, Arthur. **La bateu ivre** = o barco ébrio. Florianópolis: Ed. da UFSC, Bernúncia, 2006.p. 27.

"Se da Europa eu anseio
alguma água, é a da poça
Escura e fria onde, no
crepúsculo embalsamado
Um menino abatido e cheio de
tristeza, lança
O barco frágil como uma
borboleta de maio."

RIMBAUD, Arthur. **La bateu
ivre** = o barco ébrio.
Florianópolis: Ed. da UFSC,
Bernúncia, 2006.p. 33.

"Os Andes
Vulcânicos elevam cumes
calvos,
Circundados de gelos, mudos,
alvos,
Nuvens flutuando - que
espetac'los grandes!
Lá, onde o ponto do condor
negreja,
Cintilando no espaço como
brilhos
D'olhos, e cai a prumo sobre
os filhos
Do lhama descuidado; onde
lampeja
Da tempestade o raio; onde
deserto,
O azul sertão, formoso e
deslumbrante,
Arde do sol o incêndio,
delirante
Coração vivo em céu profundo
aberto!"

SOUSANDRADE, Joaquin de,
1833-1902. **Poesia**. Rio de
Janeiro: AGIR, 1966.p. 30.

Geléia Geral
Torquato Neto

"Um poeta desfolha a bandeira
e a manhã tropical se inicia
Resplandente, cadente,
fagueira num calor girassol
com alegria

Na geléia geral brasileira
que o Jornal do Brasil
anuncia

Ê, bumba-yê-yê-boi ano que
vem, mês que foi

Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma
dança, meu boi

A alegria é a prova dos nove
e a tristeza é teu porto
seguro

Minha terra é onde o sol é
mais limpo e Mangueira é onde
o samba é mais puro

Tumbadora na selva-selvagem,
Pindorama, país do futuro

Ê, bumba-yê-yê-boi ano que
vem, mês que foi

Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma
dança, meu boi [...]"

TORQUATO, Neto.
Torquatália. Rio de Janeiro
Rocco, 2003.p.126.

"[...] É a mesma dança na
sala, no Canecão, na TV
E quem não dança não fala,
assiste a tudo e se cala
Não vê no meio da sala as
reliquias do Brasil:

Doce mulata malvada, um LP de
Sinatra, maracujá, mês de
abril

Santo barroco baiano,
superpoder de paisano,
formiplac e céu de anil

Três destaques da Portela,
carne-seca na janela, alguém
que chora por mim

Um carnaval de verdade,
hospitaleira amizade,
brutalidade jardim

Ê, bumba-yê-yê-boi ano que
vem, mês que foi

Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma
dança, meu boi [...]"

TORQUATO, Neto.
Torquatália. Rio de Janeiro
Rocco, 2003.p.126.

"[...]Plurialva, contente e brejeira miss linda Brasil diz "bom dia"

E outra moça também, Carolina, da janela examina a folia

Salve o lindo pendão dos seus olhos e a saúde que o olhar irradia

Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi

Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi

Um poeta desfolha a bandeira e eu me sinto melhor colorido Pego um jato, viajo, arrebento com o roteiro do sexto sentido

Voz do morro, pilão de concreto tropicália, bananas ao vento

Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi

Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi."

TORQUATO, Neto.
Torquatália. Rio de Janeiro Rocco, 2003.p.126.

Let's Play That
Torquato Neto

"Quando eu nasci
um anjo louco muito louco
veio ler a minha mão
não era um anjo barroco
era um anjo muito louco,
torto
com asas de avião

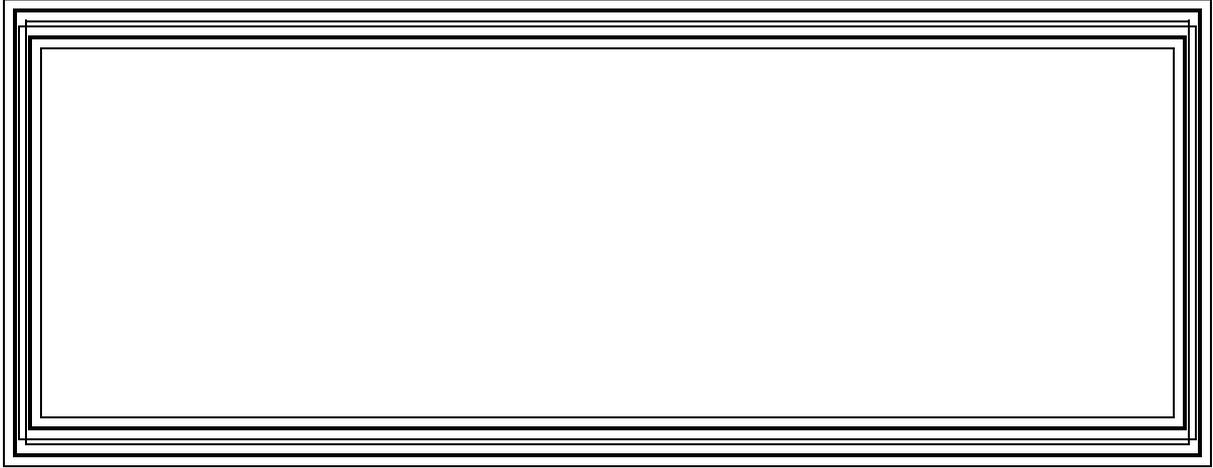
eis que esse anjo me disse
apertando minha mão
com um sorriso entre dentes
vai bicho desafinar
o coro dos contentes
vai bicho desafinar
o coro dos contentes
let's play that"

TORQUATO, Neto.
Torquatália. Rio de Janeiro Rocco, 2003.p.131.

LAUTRÉAMONT. Cantos de Maldoror. São Paulo: Max Limonad, 1986.p. 31.

Canto Primeiro

Praza ao céu que o leitor, audacioso e tornado momentaneamente feroz com isto que ele está lendo, encontre sem desorientar-se seu caminho abrupto e selvagem através dos pântanos desolados destas páginas sombrias e cheias de veneno; pois, a não ser que mantenha uma lógica rigorosa em sua leitura e uma tensão do espírito pelo menos igual à sua desconfiança, as emanções mortais deste livro embeberão sua alma, assim como a água ao açúcar. Não convém que qualquer um leia as páginas a seguir; só alguns conseguirão saborear este fruto amargo sem maiores riscos. Por consequência, alma tímida, antes de penetrar mais profundamente em tais paragens inexploradas, dirige teus passos para trás e não para a frente. Ouve bem o que te digo: dirige teus passos para trás e não para a frente, assim como os olhos de um filho que se afasta respeitosamente da contemplação augusta do rosto materno; ou, ainda melhor, como a visão dist



LEIAM TRECHOS MALDITOS

Algum escritor descuidado deixou espalhadas suas anotações. É proibido, mas levem!!! Leiam, se inspirem, instiguem-se a conhecê-los melhor. Porém, como bem alerta Lautréamont, saboreiem o fruto amargo gerado em mentes transgressoras, contudo, não convém a qualquer um...